



Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das *personas* de *História da Minha Infância*, de Gilberto Amado

Implications of pronominal variation and forms of treatment in the construction of persons in História da Minha Infância, by Gilberto Amado

Fernanda Bispo Correia

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe / Brasil

nandabispo@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0003-4363-580X>

Resumo: Neste artigo, busca-se apontar as implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das *personas* do texto literário memorialista, *História da minha infância* (1999), de Gilberto Amado. Assim, recorreu-se à noção de *persona*, trabalhada na Sociolinguística tanto por Eckert (2001, 2003, 2004, 2005), quanto por Coupland (2001), os quais defendem que o estilo, definido em termos de formalidade e informalidade, deve ser tomado para além de um contínuo, e ser observado enquanto um *modus operandi* diverso para a realização de uma mesma tarefa, e foi levada em consideração a teoria de Brown e Gilman (1960), conhecida como teoria do Poder e da Solidariedade. Segundo esses pensadores haveria dois princípios, o de poder e o de solidariedade, por meio dos quais se manifestariam as relações de forças existentes entre interlocutores. Este trabalho apoiou-se também na teoria da variação laboviana – a qual toma a variação como diretamente correlacionada a fatores sociais. Assim, toma-se o estilo como um fenômeno associado a outros fatores de natureza social, histórica, econômica, cultural, etc. Buscou-se demonstrar, portanto, como os perfis sociais de determinadas personagens são construídos tendo por base a vinculação de variantes linguísticas específicas, que, entre outras implicações, denotam as relações hierárquicas marcadas linguisticamente, entre elas destacam-se as simétricas (igualdade/afinidade) e assimétricas (inferioridade e superioridade) através do uso dos pronomes e formas pronominais você, tu, vosmecê, senhor, Vossa Senhoria, Coronel, e correlacionadas diretamente ao papel social desempenhado na sociedade ali retratada.

Palavras-chave: variação pronominal; perfis sociais; relações hierárquicas.

Abstract: This paper seek to aim for pronominal variation and forms of treatment in the construction of *personas* in the memoir literary text, *História da Minha Infância* (1999), by Gilberto Amado. Thus, we resorted to the notion of persona, worked on in Sociolinguistics both by Eckert (2001, 2003, 2004, 2005) and by Coupland (2001), who argue that style, defined in terms of formality and informality, should to be taken beyond a continuum, and to be observed as a different *modus operandi* to perform the same task, and the theory of a developed by Brown and Gilman (1960) was taken into account, which is usually referred to as a theory of Power and Solidarity. According to these scholars, such theory would have two principles, power and solidarity, through which they are manifested as existing relationships between interlocutors. This work was also based on the Labovian theory of variation - which takes variation as directly correlated to social factors. Thus, this article takes the approach of style as a factor associated with other factors of a social, historical, economic, cultural, nature, etc. We sought to demonstrate how the social profiles of certain characters are built based on the linkage of specific linguistic variants, which, among other occurrences, denote linguistically marked hierarchical relationships, among ones stand out which symmetrical (equality / affinity) and asymmetric (inferiority and superiority) through the use of pronouns and pronominal forms you, you, you, sir, your lordship, colonel, and directly correlated to the social role played in the society portrayed there.

Keywords: pronominal variation; social profiles; hierarchical relationships.

Recebido em 22 de junho de 2021.

Aceito em 30 de agosto de 2021.

1. Introdução

Neste artigo¹, busco apontar as implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas do

¹ Este artigo é um recorte da minha pesquisa do mestrado, orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Raquel Meister Ko. Freitag e defendida em 2014, intitulada *A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra História da Minha Infância, de Gilberto Amado* (CORREIA, 2014), apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

texto literário memorialista *História da minha infância*² (1999³), do autor sergipano Gilberto Amado. Tendo em vista que foi tomado um texto literário como fonte primária para um estudo de cunho sociolinguístico, o problema que se colocou foi justamente verificar se o referido texto dispunha da validade e da adequação necessárias para tal intento. Berlinck *et al* (2008) discutem acerca do emprego de textos dessa natureza como fontes primárias para o estudo histórico da língua. Essas pesquisadoras – de acordo com o que já postulara Labov (2008) – defendem que, em virtude de os processos de variação e mudança linguística ocorrerem de modo gradual e lento, e em virtude de eles se iniciarem “na língua falada, nas interações cotidianas e coloquiais dos falantes de uma mesma comunidade, a observação de uma fonte que representa esse tipo de interação, em períodos para os quais não se dispõe de dados concretos de fala, parece constituir um recurso inestimável” (BERLINCK *et al*, 2008, p. 186). É por isso que, para verificar se o texto dispõe da validade e da adequação necessárias para tal intento, fez-se necessária uma busca em outros estudos que também tomaram textos escritos para realizar

² A partir do livro *História da Minha Infância*, o leitor é levado a conhecer interessantes vivências do ilustre sergipano Gilberto Amado. Nas suas páginas, registram-se não só as experiências pessoais do narrador, mas também é fornecido um painel com importantes informações sobre os costumes, a cultura, a geografia da região e inclusive as peculiaridades linguísticas da sociedade sergipana – especialmente das vilas sergipanas de Estância e Itaporanga –, à época da escrita. O texto descreve desde a comida que era servida à janta, a vida nitidamente importada (roupas e calçados à moda inglesa, produtos alimentícios vindos da França), são apresentadas ainda as brincadeiras que animavam a infância do menino (manja, pícula, cabra-cega e capuco famanão). Um dos capítulos mostra bem como se dava a instrução na pequena vila de Itaporanga em fins do século XIX, apontando inadequações pedagógicas, muito atraso e pobreza. O narrador-personagem também aborda o modo de vida dos engenhos nordestinos no final do século XIX. Além disso, o livro traz um rico painel descritivo com os ritos das festas religiosas e também das festas populares que ocorriam na região. Depois de contar sua experiência no colégio de Aracaju, Gilberto se dedica a narrar seu retorno à Itaporanga, e em seguida conta a respeito de sua ida para a Bahia, onde foi cursar Farmácia. No capítulo – “Estudante na Bahia” – são descritos os ambientes das pensões estudantis daquele estado, já no capítulo “Adolescência”, Gilberto tece reflexões a respeito da dualidade que caracterizou aquela fase de sua vida: as vontades do menino de quatorze anos versus a responsabilidade que era esperada do recém-formado farmacêutico.

³ A primeira edição deste texto data do ano de 1954 e relata histórias transcorridas no final do século XIX e início do século XX, nas vilas de Estância e Itaporanga, interior de Sergipe, tendo sido analisadas tanto a primeira, quanto a segunda edição (1999) para a consecução deste trabalho.

pesquisas sociolinguísticas semelhantes (Cf. Tavares⁴ (2003), Reis⁵ (2003) e Generali⁶ (2011), além de Rumeu (2013) e Scherre (2018)). É por isso que compete ao historiador da língua buscar nos documentos históricos

⁴ Tavares (2003) analisou o romance *Vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck, isto é, a versão traduzida para o português que levou em consideração aspectos de fala rural do Rio Grande do Sul de meados de século XX, a fim de observar a gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações. Essa autora concluiu que a interpretação dos resultados referentes à distribuição de “e”, “aí” e “então”, tanto no âmbito linguístico quanto no social, configuram-se como “indícios reveladores do estágio de variação/estratificação e de mudança em que se encontrava esse domínio funcional em 1940” (TAVARES, 2003, p. 268).

⁵ Reis (2005) analisou a expressão do imperativo em peças teatrais dos séculos XVI, XIX e XX: a variação numa perspectiva diacrônica, segundo ela, foi um estudo que focalizou o uso alternado das variantes indicativa e subjuntiva na expressão de comandos de 2ª pessoa do singular, como em *canta/cante*, e também o de 1ª pessoa do plural, nas variantes plena e perifrástica, como *cantemos* e *vamos cantar*, respectivamente. O corpus de análise foi formado pelas peças *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente; *As casadas solteiras*, de Martins Pena e *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues. A busca diacrônica mostrou comportamentos diferentes nas duas pessoas do discurso. Ainda na análise diacrônica, Reis (2003) controla, entre outros aspectos, um grupo de fatores que trata da simetria/assimetria das relações sociopessoais – relações assimétricas de superioridade; relações assimétricas de inferioridade e as relações simétricas de igualdade –, na variação da expressão de atos manipulativos de fala. Como fonte dos dados, a autora tomou também o texto de *Vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck, isto é, a versão traduzida para o português que levou em consideração aspectos de fala rural do Rio Grande do Sul de meados de século XX, aproximando-se bastante da oralidade já que “não se trata apenas de escrita, mas escrita-fala, aparentemente bem fundamentada em traços de variação reais, provavelmente encontrados nos dialetos gaúchos de 1940”. (REIS, 2003, p. 98).

⁶ Generali (2011) investiga o monitoramento de fala e a variação estilística, no âmbito sociolinguístico, em corpus constituído de material falado transcrito do rapper, compositor e escritor MVBill, nas obras *Cabeça de Porco* (2005), *Falcão – Meninos do Tráfico* (2006), *Falcão – Mulheres e o tráfico* (2007), e o filme-documentário *Falcão – Meninos do Tráfico* (2006). A autora constata que o rapper “sabe utilizar bem os recursos da língua portuguesa em todos os endereços sociais nos quais se posiciona, pois obtém desempenhos positivos em diálogos estabelecidos com falantes das mais diversas esferas sociais, comunidades de prática e de fala” (GENERALI, 2011, p. 99). Entre outras conclusões, a autora pontua que as adequações linguísticas – independentemente de serem feitos usos de variantes desprestigiadas – são mais importantes para o sucesso linguístico de determinada pessoa social do que propriamente a exclusiva recorrência a formas linguísticas prestigiadas.

à sua disposição aqueles que mais imprimem a linguagem usual, livre de pressões normativas – o vernáculo (de acordo com o que definira Labov (1994). Não se deve olvidar que, ao partirmos dos pressupostos da teoria da variação e da mudança linguística, temos que levar em conta o princípio de que a mudança emerge *na* e *da* variação, e que tal característica é inerente à língua falada. Cabe acrescentar ainda que, segundo Faraco⁷ (2017),

[...] mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais. Embora ainda se mantenha em muitas abordagens diacrônicas um princípio metodológico forte (elaborado pelo pensamento estruturalista) de separação estrita entre a história interna (gramatical) da língua e a história externa (as sempre cambiantes condições socioculturais de sua existência no eixo do tempo), a história das formas de tratamento pode mostrar a fertilidade heurística de abordagens teóricas que relativizam aquele princípio. a crença de que os fatos linguísticos só têm condicionantes linguísticos; e abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a ideia de que a heterogeneidade social e mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua. Acreditamos que a história das formas de tratamento em português [...] fornece um exemplo interessante da fertilidade da exploração das intersecções” (FARACO, 2017, 114-115).

Também de acordo com Faraco (2017) é possível afirmar que, certamente, são criações medievais as formas *Vossa Mercê* (segundo esse autor, *Vossa Mercê* teria sido utilizado pela primeira vez no ano de 1331) e *Vossa Senhoria*, as quais estariam diretamente associadas a duas relevantes instituições medievais: a mercê do rei, atrelada à distribuição da justiça e à proteção real; e o senhorio – o poder feudal –, associado tanto ao instituto da vassalagem quanto à posse de grandes extensões de terra. Faraco destaca inclusive que esse processo foi peculiar especificamente no caso do português, pois apresentou uma dinâmica social e linguística muito própria, “tanto pela extensão social do uso das novas formas,

⁷ O estudo de Faraco se propôs a reconstituir aspectos do ambiente sociocultural que desencadearam e introduziram novas formas de tratamento do interlocutor em português, como também buscou “observar linhas do desenvolvimento diacrônico dessas formas, lançando bases para o entendimento não só das alterações do paradigma das formas propriamente ditas, mas igualmente das suas muitas conseqüências gramaticais que [...] contribuíram significativamente para o desenho do português moderno” (FARACO, 2017, 114-115).

como pela criação de um novo pronome de segunda pessoa do discurso e os respectivos impactos gramaticais desse fato.” (FARACO, 2017, p. 118). Isso implica pensar que o uso ampliado dessas formas “foi retirando de algumas [delas] sua força honorífica original e foi criando a necessidade de introduzir novas para manter um sistema diferenciado de tratamento do rei” (FARACO, 2017, p. 118).

A rápida multiplicação dessas formas em Portugal pode ser entendida, em parte, pela progressiva alteração de seu valor social, resultante da expansão do uso de algumas delas, especialmente *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, que se transformaram nas formas habituais do tratamento não íntimo entre iguais na aristocracia, a qual, por sua vez, costumava exigir o uso dessas formas por parte das pessoas de status social inferior (serviçais, subordinados, artesãos, etc.), abrindo espaço para a extensão de uso de algumas dessas formas (FARACO, 2017, p. 118).

Faraco aponta um nítido movimento que de forma continuada redistribuía socialmente as formas de tratamento. Assim, quando alguma delas começava a ter um uso mais popular, e fugia do círculo mais restrito de usuários, tais falantes buscavam substituí-las. Isso aponta para o fato de determinadas formas de tratamento carregarem “valores especiais de prestígio (de status social) ligadas a elas em virtude de serem usadas por um subgrupo específico de pessoas. Aqueles fora desse subgrupo que começaram a usar tais formas estavam certamente fazendo um esforço para identificar-se com o subgrupo de maior prestígio social” (FARACO, 2017, p. 118). Faraco pontua ainda que a nova aristocracia portuguesa passa a introduzir novos padrões de alimentação, vestuário e, mais importante, de tratamento do interlocutor:

Essa dinâmica inter-relação entre fatores sociais e verbais pode ser particularmente visível no sistema de tratamento do interlocutor, já que esse sistema representa talvez da forma mais direta alguns dos fundamentos axiológicos da organização do status social. Assim, se uma sociedade passou ou está passando por rápidas mudanças que se refletem nas relações interpessoais possíveis, pode-se esperar que mudanças lingüísticas na área do tratamento venham a ocorrer, com possíveis conseqüências para outros aspectos da estrutura da língua (FARACO, 2017, p. 117).

Partindo desses argumentos, este artigo se propôs a analisar como as variantes de língua atribuídas a determinadas personagens vão culminar numa elaboração peculiar delas e do contexto ao qual pertenciam.

Assim, recorreremos tanto à teoria da variação laboviana – a qual toma a variação como diretamente correlacionada a fatores sociais –, bem como à noção de *persona*⁸, trabalhada na Sociolinguística tanto por Penelope Eckert (2001, 2003, 2004, 2005), quanto por Coupland (2001), os quais defendem que o estilo, definido em termos de formalidade e informalidade, deve ser tomado para além de um contínuo, e ser observado enquanto um *modus operandi* diverso para a realização de uma mesma tarefa. Assim, é preciso que o estilo seja abordado como um fenômeno associado a outros fatores de natureza social, histórica, econômica, cultural, etc. Outra teoria fundamental é a elaborada por Brown e Gilman (1960), a qual se costuma intitular de teoria do Poder e da Solidariedade. De acordo com tal teoria haveria dois princípios, o de poder e o de solidariedade, por meio dos quais se manifestariam as relações de forças existentes entre interlocutores. Assim, na dimensão do poder, as relações se dariam quando um comportamento é controlado por outro a partir de fatores como idade, sexo, força física, etc. Tais relações então seriam marcadas pela diferença, o que implicaria um tratamento assimétrico entre interlocutores.

Já nas relações que seguem o princípio da solidariedade seria encontrada a reciprocidade no tratamento. Nesse caso, um interlocutor utiliza uma determinada forma com a qual também é tratado. Estabelece-se, com isso, uma relação simétrica. Em seus estudos, Brown e Gilman (1960) observaram um processo lento e gradual pelo qual estavam passando as línguas europeias e verificaram, por exemplo, relações assimétricas de tratamento passando a se configurar como relações de simetria.

Neste ponto, podemos ilustrar com o uso variável dos pronomes *você* e *vosmecê*, pois, no texto amadiano, apenas a algumas das personagens (tia, o pai, um bêbado não nomeado) é atribuído o uso da forma *vosmecê*, enquanto a mãe, a professora e o próprio narrador, por exemplo, se utilizam da forma *você*. A constatação do uso variável pronominal é uma pista que nos sugere que essas variantes conviviam entre si no período da infância

⁸ Para Eckert (2005), o termo *persona* pode ser entendido como o somatório das várias identidades de que o falante pode dispor em diferentes ou em semelhantes contextos, manifestadas através da variação estilística. Coupland (2001) toma como estilo a saliência presente nas variadas identidades sociais que possam surgir. Além disso, esse autor mostra que é preciso reconhecer que mais de uma imagem pode ser projetada em um curto espaço de tempo, já que, ao analisarmos o estilo, observamos indivíduos (no nosso caso específico personagens) interagindo com seu próprio espaço, tempo e contexto relacional.

do autor da obra sob análise, já com tendências de uso que refletem a dimensão da mudança pela qual passa a forma *vosmecê*. Durante a leitura desse texto o leitor se depara com trechos nos quais o próprio uso do recurso gráfico do itálico sugere que aquela fala está sendo identificada como uma variação linguística atribuída à personagem.

A hipótese trabalhada na pesquisa é a de que é possível, a partir de fontes escritas, verificar, em épocas anteriores, a avaliação acerca de traços variáveis do sistema linguístico em determinada sociedade, no caso, conforme foram registrados no romance em foco. Partiu-se do pressuposto de que a seleção de variantes linguísticas escolhidas para construir uma personagem reflete valores socioestilísticos que permeiam a sociedade à época da escrita da obra literária, ainda que este tipo de fonte não seja o comumente utilizado pela pesquisa sociolinguística tradicional. Labov (1994), ao abordar os problemas na interpretação de dados históricos, destaca que a força da linguística histórica reside na sua habilidade de traçar mudanças linguísticas através de muitos períodos de tempo. No entanto ele vai mostrar as dificuldades que são colocadas ao linguista histórico, apesar de tal área de estudo repousar firmemente sobre o caráter objetivo e abrangente de seus dados. Assim, Labov defende que os dados, ricos em vários sentidos, são pobres em outros e ressalta que os documentos históricos não sobrevivem por um desígnio intencional e sim pelo mero acaso, e a seleção a que os historiadores terão acesso será o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos.

Outra ressalva feita por ele é o fato de as formas linguísticas em tais documentos serem normalmente distintas das variedades vernaculares dos escritores, refletindo esforços para estruturar um dialeto normativo que nunca foi língua nativa de ninguém. Além disso, os documentos históricos podem fornecer apenas evidências positivas; as evidências negativas a respeito do que não é gramatical só podem ser inferidas a partir de lacunas na distribuição, as quais muitas vezes só são detectadas pelo acaso. Mesmo diante de tais argumentos contrários, vamos nos ocupar do fato – também defendido por Labov (1994) – de que é possível pensar a linguística histórica como a arte de fazer o melhor uso dos maus dados. Assim, é preciso driblar a dificuldade que se coloca pelo fato de geralmente sabermos muito pouco sobre a posição social dos escritores e sobre a estrutura social da comunidade sobre a qual se debruça o documento escrito.

Labov aponta inclusive que a tarefa da linguística histórica é, portanto, explicar as diferenças entre o passado e o presente, mas à medida

que o passado era diferente do presente, não há nenhuma maneira de saber como era diferente. As diferenças entre o passado e o presente podem ser aplicadas não só às formas e regras da língua, mas também a como aquelas formas e regras foram aplicadas e como elas mudaram. Assim, defende-se que ao se estudar a variação e a mudança linguística é preciso que se faça previamente um embasamento sobre o contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido, notadamente quanto à estrutura da sociedade da época. Berlinck *et al* (2008) acrescentam que tal cuidado metodológico deve pautar qualquer estudo histórico da língua, qualquer que seja a natureza das fontes analisadas e isso inclui a obra amadiana ora em foco. Um outro ponto colocado por elas é o imperativo de se avaliar a linguagem empregada nos textos levando em consideração seu caráter dialógico e potencialmente plurilíngue ou pluridialeto, sem olvidar o papel do autor na construção/representação de um contexto histórico e de sua linguagem.

Cientes dos problemas a serem enfrentados em virtude de buscarmos executar um trabalho baseado também em pressupostos da linguística histórica, entre os resultados que queremos encontrar no texto ora sob análise está a identificação de relações entre usos linguísticos e papéis sociais das personagens. O próprio Labov (1994) assevera que uma das maiores dificuldades que o linguista que estuda a mudança sob uma perspectiva diacrônica enfrenta é a ausência de falantes de uma época passada, fazendo com que ele recorra a documentos escritos considerados representativos de um determinado período⁹. É por isso que aqui lançou-se mão da pesquisa da obra amadiana, pois nela foram verificados registros das memórias e inclusive as condições de vida (aspectos sociais) de uma época. Acredito que tal texto foi viável como fonte de estudos linguísticos, sócio-históricos, etc. É por essa razão que este artigo se propõe a observar a correlação que há entre o uso de variantes linguísticas específicas e as características sociais das personagens a quem são atribuídas tais variantes, atentando especialmente às relações hierárquicas daí resultantes.

⁹ Como exemplo dos textos consultados para o desenvolvimento desta pesquisa, pode-se citar Reis (2003).

2. Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das *personas*¹⁰ de *História da minha infância*

Após apreciar as características disponíveis, foi possível vislumbrar como o autor elaborou as respectivas *personas* das personagens mais relevantes no enredo. Observou-se, por exemplo, que para o pai e a mãe, personagens escolarizadas e cultas, pertencentes a uma família de posição social privilegiada, é atribuído um nível de linguagem altamente formal, nos dizeres labovianos, e tais falares não implicam estigmatização. Nota-se que essas *personas*, assim, como a do narrador, não são marcadas por variações estilísticas desprestigiadas. A única *persona* que oferece uma relevante variação estilística, e é também membro da importante família Amado, é o avô José Amado. Para essa personagem foi imputado um uso estilístico mais informal, tomando por base o contínuo estilístico laboviano, isto é, foi adotado um estilo menos monitorado. Além disso, os fatores escolarização e idade são relevantes para as variantes linguísticas a elas atribuídas, pois, aos ouvidos do neto, a idade avançada do avô e o fato de não ter frequentando a escola leva a personagem a usos não monitorados e despreocupados com a formalidade da apresentação linguística.

É interessante que a saliência mais destacada se refere a traços fonológicos. A tabela a seguir mostra, para as personagens que foi possível caracterizar, a relação hierárquica que se estabelece entre elas. Pudemos perceber que o narrador de *História da minha infância* procurou se utilizar de vários pronomes e formas de tratamento a fim de marcar tais relações (*você, tu, vosmecê, senhor, Vossa Senhoria, Coronel*). Para o *vosmecê*, foi possível notar um uso específico, o de respeito e subserviência em relação ao interlocutor, já para o “você” foi possível observar tanto a relação de intimidade (tratamento entre iguais) quanto a de superioridade (relação de superior para inferior). A forma *você*, que a essa época já dava indício de estar cristalizada como pronome pessoal de segunda pessoa do discurso, é a mais produtiva em todo o texto, pois

¹⁰ Para Eckert (2005), o termo *persona* pode ser entendido como o somatório das várias identidades de que o falante pode dispor em diferentes ou em semelhantes contextos, manifestadas através da variação estilística. Coupland (2001) toma como estilo a saliência presente nas variadas identidades sociais que possam surgir. Além disso, esse autor mostra que é preciso reconhecer que mais de uma imagem pode ser projetada em um curto espaço de tempo, já que, ao analisarmos o estilo, observamos indivíduos (no nosso caso específico personagens) interagindo com seu próprio espaço, tempo e contexto relacional.

aparece vinte vezes, sempre representando as relações hierárquicas – de intimidade/proximidade e superioridade. O pronome pessoal “tu” aparece indiretamente na fala do narrador já adulto e nas formas no imperativo. O quadro 1 sumariza as relações estabelecidas entre as personagens (relações assimétricas de superioridade; relações assimétricas de inferioridade e as relações simétricas de igualdade) na obra de Amado (1999):

Quadro 1 - Relação de hierarquização entre as personagens

Personagem que utiliza a forma de tratamento/ pronome em destaque e respectivos papéis sociais	Papel social do interlocutor a quem a personagem se dirige	Forma de tratamento/ Pronome utilizado	Relação hierárquica
Gilberto Amado - amigo [1], aluno [2]	1 - Criança francesa. 2 - Professor Oliveira – Ex-padre, dono do Colégio em Aracaju	1 - Que queres [tu] que traga Janot? 2 - ‘o senhor acredita que quero bem a minha mãe? Pois não fui eu. Juro por ela!...’	1- Superior > inferior (assimétrica) 2- Inferior < Superior (assimétrica)
Ana Machado - Mãe [1], Esposa [2], Nora [3]	1 - Gilberto Amado – filho 2 - Melchisedech Amado – Marido 3 - José Amado – sogro	1 - Você viu? 2 - Você não entende de engenho, não vai enterrar a família num buraco como o Quindongá! 3 - Vosmecê sabe como menino é...	1- Superior > inferior 2- Iguais/ íntimos 3 - Inferior < Superior
Melchisedech Amado - Filho [1], Pai [2].	1 . José Amado - pai 2./3. Gilberto Amado – filho	1 - Vosmecê não tem nada, amanhã está melhor. 2 - Você é lá caixeiro? 3- Puxa [tu] para casa!	1 - Inferior < Superior 2 e 3- Superior > inferior

José Amado - Avô [1], Pai [2], juiz de paz [3]	1. Gilberto Amado – neto 2. Melchisedech Amado – Filho 3. Cabo não especificado	1- <i>Você</i> não tem peso para aquele animal. 2 - <i>Você</i> não sabe <i>tu</i> perdido! 3 – <i>Cumpra</i> [<i>você</i>] o <i>seu</i> dever. <i>Mantenha</i> [<i>você</i>] a ordem. [...]	1,2 e 3 - Superior > inferior
Sá Limpa – Professora [1]	1 - aluno não especificado	1 - ‘ <i>Você</i> já foi uma vez. Está doente?’	1 - Superior > inferior

Fonte: elaboração própria.

O quadro 1 consiste em uma tentativa de sumarizar as relações entre os personagens. O recurso de utilização variável de pronomes pessoais e de tratamento para a referência ao interlocutor se configura como pistas que nos indicam que o autor, entre outros objetivos, quis demonstrar as relações simétricas e assimétricas travadas entre as personagens. Vejamos, agora, como os traços linguísticos variáveis do sistema contribuem para a constituição destas relações.

2.1 O uso variável de *você* e *vosmecê*: pronome pessoal ou pronome de tratamento?

Apesar de não haver pacificação quanto aos estudos sobre a origem do *você* (cf. Rumeu (2013), Faraco (2017) Scherre¹¹ (2018)), há autores que acreditam em uma origem hispânica da forma *vossa mercê* e do próprio *você* – a maioria dos gramáticos, filólogos e etimologistas atribuem a origem do pronome *você* a uma redução fonológica do antigo pronome de tratamento *vossa mercê*, defendendo que a primeira forma pronominal resultou de uma evolução que se origina do latim, isto é, seria uma abreviação fonética do *Vossa mercê*¹². Na língua portuguesa,

¹¹ Scherre *et al* (2018) analisam a variação das formas pronominais *tu* e *você*, na posição de sujeito, em cartas capixabas do início do século XX. Como resultados da análise dos 226 dados foram observados: (1) alto índice de *tu*, (2) mudança de tratamento clara conforme o interlocutor, (3) favorecimento do *tu* como forma nula e nos tópicos de maior proximidade.

¹² Segundo Nascentes (1956, p. 114-115, apud GONÇALVES, 2008, p. 96), “a) ora esta expressão é marcada pela noção de causa, quando expressa uma estratégia

tal evolução se iniciou a partir dos pronomes *tu* e *vós*, que eram usados como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem o falante se dirigia. Segundo Gonçalves (2008),

Devido à necessidade de se diferenciar na hierarquia as formas de tratamento, usava-se o *tu* na intimidade e, ao seu lado, a forma *vós* para tratamento cerimonioso indireto. Outro modo de tratamento indireto que era usado para dirigir a um atributo ou qualidade eminente da pessoa e não a ela própria era a forma *vossa mercê* (entre outras) que, ao longo do tempo, tornou-se popular, sofreu transformações fonológicas e foi se simplificando, dando origem a várias formas: *vossemecê*, *vossancê* e *você*. (GONÇALVES, 2008, p. 95)

Gonçalves (2008) mostra que a forma *vossa mercê* tem origem em meio aristocrático, no entanto, já em finais do século XV, registram-se usos dessa forma fora desse meio. É Nascentes (1956), *apud* Gonçalves (2008), que argumenta que, a partir do século XVIII, a forma “a mercê” passou a ser remetida aos burgueses, isto é, às pessoas que mereciam respeito no trato, mas não tinham senhoria. Nascentes (1956, p. 116) citado por Gonçalves (2008, p. 97), mostra que “[...] *vossa mercê* agradava todo mundo. A classe humilde não tardou a apoderar-se da fórmula nova para uso próprio. Assim, os colonos que vieram da Metrópole portuguesa trouxeram consigo esse uso já generalizado para o Brasil. Rumeu (2013) vai apontar que há uma aparente contradição advinda da origem e de como se deu a mudança de *vossa mercê* até *você*, pois foi sendo percebida

[...] uma divergência gradativa do tratamento-fonte (Vossa Mercê) e passou a concorrer com o solidário Tu nos mesmos contextos funcionais. Do ‘tratamento nominal abstrato’ (Vossa Mercê), nos termos de Koch (2008, p.59), herdou o caráter indireto, por isso seria menos invasivo, menos ‘ameaçante ao interlocutor’ e, dessa forma, funcionou como a estratégia preferida pelas mulheres na sociedade brasileira do século XIX. (RUMEU, 2013, p. 548.)

argumentativa utilizada pelos súditos que, ao solicitarem algo ao Rei, apresentavam os requerimentos utilizando o habitual pronome *vós*, pediam uma graça por *mercê* e, assim, agregavam este vocábulo ao pronome possessivo em concordância com o pronome utilizado, formando a expressão *vossa mercê*. Expressão essa ‘que afagava a vaidade e o amor próprio’ do soberano; b) ora é marcada pela noção de efeito, quando expressa a recompensa, denominada de *mercê* ou *mercede*, que é dada pelos reinantes aos súditos em troca dos serviços prestados.”

Faraco explica que a forma *Vossa Mercê* evoluiu após ampla expansão social da sua utilização, ocorrendo por dois caminhos, muito provavelmente ligados a distintas variantes socioestilísticas. “De um lado, ela manteve sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana, mas foi arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua rival abreviada (*você*) estava se tornando dominante” (FARACO, 2017, p. 120-121). Segundo Scherre *et al* (2018, p. 9), na linha das discussões apresentadas por Faraco, aponta que, em sua origem, o quadro de pronomes do português brasileiro (PB), no que se refere à segunda pessoa, era composto “pelos pronomes *tu* e *vós*, que marcavam, respectivamente, intimidade e distanciamento interacional (CINTRA, 1972)” (SCHERRE *et al*, 2018, p. 9). Elas destacam que o pronome *vós* teve sua utilização consideravelmente reduzida assim o canônico *tu* passa a competir por espaço com o *você*, o qual, segundo as mesmas autoras, seria resultado “da gramaticalização da forma nominal *Vossa Mercê* > *você*. Assim, no PB para se identificar com quem se fala, além do pronome *tu*, há, também, o pronome *você*, que é reconhecido ‘como pronome pessoal de segunda pessoa do singular para a grande maioria dos falantes brasileiros’ (PAREDES SILVA, 2003, p. 160)” (SCHERRE *et al*, 2018, p. 9).

Ao mostrar um paralelo com o uso de *tu* em Portugal, país onde tal pronome tem uso diferente do que se faz dele aqui no Brasil, Faraco (2017) mostra que

A situação no Brasil é bastante diferente. *Você* é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais. A razão para esse uso tão amplo de *você* no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história da formação do País. É fato que não temos documentos das formas linguísticas correntes nos primeiros tempos da ocupação europeia. Alguns dados, porém, são importantes para um processo de reconstrução hipotética de tais fatos e conclui que é possível ‘pressupor que, desde o início da ocupação europeia do Brasil, as formas predominantes de tratamento do interlocutor eram as diferentes variantes de *Vossa Mercê*’ (FARACO, 2017, p. 121).

Biderman (1972), vai mostrar que, quando se deu a colonização, tanto os padrões de comportamento quanto a estrutura social trazidos para a América Latina foram basicamente os mesmos existentes na Península Ibérica. Nas sociedades do Velho Mundo as relações entre os cidadãos eram fundadas em um poder claramente estabelecido. E é por

isso que o poder “figurar-se-á como uma força polarizadora na organização das relações. No Novo Mundo, porém, a forma de dominação que se estabeleceu foi ainda mais extremada: a escravidão de fato, ou de direito” (BIDERMAN, 1972, p. 349-350). Essa autora hipotetiza o fato de os colonos da América Latina, de origem portuguesa e espanhola, por serem oriundos da classe baixa e média inferior, e de serem, inclusive, marginais malquistos nas suas pátrias de origem; terem sido os responsáveis por criar e impor relações de poder extremas. Ela atribui tal extremismo ao fato de a arbitrariedade ser maior quando é dado poder a alguém que não é acostumado e ele:

Dominando outros indivíduos, o imigrante europeu pobre repetiu o esquema que sofrera. Donde se estabeleceram relações assimétricas na sociedade colonial latino-americana. [...] a maioria desses colonos europeus, das zonas rurais da Ibéria, trouxeram consigo as velhas formas medievais de relação, fundando a família patriarcal, ainda hoje típica do mundo latino-americano.” (BIDERMAN, 1972, p. 350)

Biderman descreve algumas das díades resultantes desse processo:

1. Relações de trabalho: Senhor > escravo / Senhor (patriarca, coronel) > colono (ou criado); 2. Relações familiares: Pais > Filhos /Marido > Mulher; 3. Relações entre os sexos: Homem > Mulher.

Said Ali (1976), em seu trabalho sobre *vossa mercê*, assevera que, no século XIV, a locução nominal *vossa mercê* ainda não havia se firmado como pronome. Tal expressão era utilizada como título honorífico, ligando-se à terceira pessoa do singular, embora fosse associada aos pronomes da segunda pessoa (vós e vosso). Dessa forma, o uso do pronome *vossa mercê* estendeu-se para os fidalgos e com isso adquiriu o *status* de tratamento.

Faraco (2017) também vai destacar que nos séculos XIV e XV, formas de tratamento que eram utilizadas exclusivamente para o tratamento do rei, aquelas com a estrutura *Vossa + N* (*Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*), foram sendo incorporadas à língua. Ele ressalta que algumas línguas europeias, que não o português, acabaram por incorporar expressões similares, mas que é preciso atentar ao traço particular das línguas da Península Ibérica. Nessas línguas, o *Vossa Mercê/ Vuestra Merced*, formas mais antigas, evoluíram

ao ponto de gerar um novo pronome de segunda pessoa (você/ usted), com sua contraparte plural (vocês/ ustedes). Esse fato teve diferentes repercussões no interior das gramáticas daquelas línguas. O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (pronome de segunda pessoa do discurso, mas estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal), desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão, particularmente do português. (FARACAO, 2017, p. 116)

Observemos que das poucas ocorrências do *vosmecê* (variante da forma *vossa mercê*), observam-se as relações hierárquicas assimétricas (inferioridade) sendo estabelecidas entre as personagens, ocorrendo nas falas direcionadas a pessoas mais velhas, às quais é devido um maior respeito (avó e avô do narrador),

- (1) “*Siá Dona*, tenho fé em Deus de ver *Vosmecê* ainda numa desgraça para vir a *lhe* acudir.” [Bêbado, personagem não nomeada, se dirigindo à avó de Gilberto] (AMADO, 1999, p.22)
- (2) – *Vosmecê* não tem nada, amanhã *está* melhor. [Melchisedech se dirigindo ao pai, José Amado] (AMADO, 1999, p. 129)
- (3)– Não, não é isso! *Você não sabe tou* perdido! O homem lá de cima tá me chamando. [José Amado se dirigindo ao filho, Melchisedech] (AMADO, 1999, p. 129)
- (4)– Ora *vosmecê* com estas tolices! *Deixe-se* disso! ‘O homem lá de cima’ *lhe* mandando chamar! Ora essa! [Melchisedech se dirigindo ao pai] (AMADO, 1999, p. 129)
- (5) ‘Já disse que *Vosmecê* não pode continuar com esse trabalho na igreja!’ [Tia Minu – filha de Manuel Luís ao se dirigir ao próprio pai] (AMADO, 1999, p.13)
- (6)– “*Vosmecê sabe* como menino é... quer por força sair a cavalo no carnaval. Não tira da cabeça *o seu*.”. [Donana, mãe de Gilberto, dirigindo-se ao sogro] (AMADO, 1999, p. 125)

Uma peculiaridade em relação às ocorrências do *vosmecê* diz respeito ao fato de a maioria das ocorrências acontecerem em falas

direcionadas ao avô José Amado. Observamos, de acordo com o que defende Lopes e Duarte (2003), apoiadas em Brown & Gilman (1960), a partir desse detalhe não-linguístico, como as relações sociais entre os personagens fazem emergir a dicotomia “poder e solidariedade”. Tal oposição conceitual leva em conta que o parâmetro do poder se refere ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Lopes e Duarte ainda explicitam que:

Tal oposição conceptual (*sic*) [de poder e solidariedade] leva em conta que o parâmetro do poder refere-se ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Esse controle do comportamento de um sobre o outro desemboca numa assimetria no tratamento. A relação de poder entre duas pessoas não é recíproca, pois ambos não têm poder na mesma área de comportamento e a consequência disso é a eleição de certas formas de tratamento diferentes em função da hierarquia que se estabelece entre os interlocutores. O segundo parâmetro, o da Solidariedade, estabelece forças iguais, o mesmo nível na hierarquia social: a igualdade entre as pessoas (LOPES; DUARTE, 2003, p.61).

No texto amadiano, podemos verificar, pensando com Brown e Gilman (1960), relações assimétricas por meio do uso das variantes *vosmecê* e *você*, que ocorrem de pessoas mais velhas para pessoas mais jovens, denotando relações hierárquicas de superioridade (mãe de Gilberto para o filho, avô falando ao neto Gilberto e ao filho Melchisedech). Quanto à relação de solidariedade (igualdade), verificamo-la a partir do uso da forma *você* (colegas da mesma faixa etária de Gilberto). Vejamos a seguir excertos retirados da obra de Gilberto que demonstram o uso do *você* e as relações a que nos referimos acima:

- (7)– *Você viu?* [a mãe Donana ao dirigir-se ao filho Gilberto] (AMADO, 1999, p. 125)
- (8)[...] - *Leve a sela amanhã. Mas, olhe... não me responsabilizo. Você não tem peso para aquele animal.* [avô José Amado ao dirigir-se ao neto Gilberto] (AMADO, 1999, p. 125)
- (9) ‘*Por que você me fez isto, por que você me fez isto?!*’ [Senhora Martins ao questionar, à beira do caixão, o porquê do suicídio do filho] (AMADO, 1999, p. 29)

- (10) ‘*Você já foi uma vez. Está doente? Tomou purga?*’ [Professora Sá Limpa direcionando-se a um aluno] (AMADO, 1999, p. 63)
- (11) “Menino, *sai* do sol! *Você vai* apanhar a malina!” [mães de maneira geral] (AMADO, 1999, p. 114)
- (12) “*Você sai? Você não sai?*” [Meninos, questionando G. Amado] (AMADO, 1999, p. 125)
- (13) “Você não sabe *tou* perdido!” [José Amado em conversa com o filho Melchisedech] (AMADO, 1999, p. 129)
- (14) ‘- *Você sabe* de remédio para próstata?’ [José Amado se dirigindo a um chefe político que fora lhe visitar em um momento de doença] (AMADO, 1999, p. 132)
- (15) “- *Você, Melk, nunca me deu* um papel! [...] *Você tem* dado papel a todo mundo [...] a mim *esqueceu!*” [...] De batina, Melk, de batina, Já houve papel de padre em duas peças.” [Homem ex-negociante requisitando a Melchisedech para fazer parte da peça de teatro] (AMADO, 1999, p. 140-141)
- (16) “Mas Jordão... *você...*” [Melchisedech respondendo ao pedido de um homem que lhe requereu participação na peça de teatro] (AMADO, 1999, p. 141)
- (17) “- *Você, D... – e pronunciava* o nome com exagerada nitidez - é pior do que isto aqui, *você é* como o que sai daqui.” [Juvencinho, jovem rapaz itaporanguense, em momento de reflexão] (AMADO, 1999, p. 145)
- (18) ‘*tire você, seu....*’ [Rapaz louco, estudante e morador de república na Bahia, ao dirigir-se a outro rapaz com quem estava brigando] (AMADO, 1999, p. 180)
- (19) “Esse simulcadência onde encontrou *Você* essa palavra?” [Professor Eutíquio Lins ao questionar Gilberto] (AMADO, 1999, p. 193)
- (20) ‘*Você não vê* que ele não sente?’ [Arruaceiro chefe dos meninos do Colégio em Aracaju respondendo ao questionamento de Gilberto Amado] (AMADO, 1999, p. 165)

- (21) ‘*Você* o que é que já *sabe*? Qual é o livro que *está* lendo?’
 [Frequentadores da casa do bem-sucedido padrinho
 de Gilberto dirigindo-se ao jovem estudante Gilberto]
 (AMADO, 1999, p. 154)

De acordo com Lopes e Duarte (2003), no português europeu *você* está disseminado e compete com *o(a) senhor(a)* e *o tu*, obedecendo o grau de intimidade existente entre os interlocutores. Tal fato demonstra que o *você* ainda guarda traços de forma de tratamento. Essas mesmas pesquisadoras mostram que “no português do Brasil, ao contrário, *você* já está perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais, substituindo *tu* em grande parte do território nacional ou convivendo com *tu* sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada ‘segunda pessoa direta’” (LOPES, DUARTE, 2003, p. 61).

Já para Bagno (2011), é inequívoca a constatação de que a palavra *você* está totalmente gramaticalizada como pronome pessoal, pois se se quer descrever realisticamente o português brasileiro contemporâneo é preciso desconstruir o fato de até os dias de hoje as gramáticas normativas e os livros didáticos ainda trazerem *você* como pronome de tratamento.

Segundo Almeida (2012, p. 13), existem muitos estudos que vêm apontando diferenças significativas entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE), uma das quais é a mudança no quadro pronominal: “A entrada da forma “*você*” no quadro dos pronomes pessoais nominativos, variando com o pronome “*tu*” na posição de sujeito de 2ª pessoa do singular, tem sido vista como uma das desencadeadoras da reestruturação do paradigma pronominal e até do flexional (concordância) nessa língua.”

De uma maneira geral, segundo Biderman (1972 apud GONÇALVES, 2008), no Brasil, efetivou-se uma simplificação não ocorrida em Portugal, relativa às formas de tratamento. E aqui no Brasil observou-se a tendência de ampliação do uso da forma *você*. Segundo Gonçalves (2008) é possível, até certo ponto, explicar a discrepância entre os sistemas português e brasileiro da seguinte forma:

A sociedade brasileira por ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. [...] a portuguesa é uma sociedade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades europeias, mesmo no mundo latino mais conservador, em geral. [...] existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos [...]. A mera observação dos grandes centros brasileiros, confrontados com as metrópoles portuguesas, evidenciará a disparidade (BIDERMAN, 1972, p. 367-368 apud GONÇALVES, 2008, p. 98-99).

Em *História da minha infância*, além das formas *vosmecê* e *você*, aparecem as formas *Vossa Senhoria/Senhor e (Seu) Coronel*. Essas duas últimas são marcadamente utilizadas na relação de inferior a superior, vejamos os exemplos a seguir no diálogo entre um cabo e o, naquele momento, juiz de paz José Amado:

- (22) – *Seu Coronel*, estão umas mulheres na rua da Palha fazendo um escarcéu dos diabos. [...] [Cabo não especificado dirigindo-se ao juiz de paz José Amado]
- (23) – *Cumpra* o seu dever. *Mantenha* a ordem. [...] [José Amado, juiz de paz, dirigindo-se ao cabo]
- (24) – *Coronel*, dei voz de prisão às mulheres em nome de *Vossa Senhoria*. As mulheres riram e disseram que não ligam a *Vossa Senhoria*. E mandaram até eu contar isto a *Vossa Senhoria*! [Cabo não especificado dirigindo-se ao juiz de paz José Amado]
- (25) – Pois *diga* a elas que eu também não ligo a elas... [José Amado, juiz de paz, dirigindo-se ao cabo]
- (26) – *Coronel...* – estranhou o cabo, torcendo-se. ! [Cabo não especificado dirigindo-se ao juiz de paz José Amado]. (AMADO, 1999, p. 128-129, grifo nosso)

Além desses exemplos, podemos ver o uso da forma coronel no seguinte excerto, no qual José Amado é visitado por um chefe político que está acompanhado do neto – à época já senador. O ilustre visitante então questiona a José Amado:

- (27) ‘*Coronel, o senhor* deve estar muito contente de ver *seu* neto senador.’. [Chefe político local dirigindo-se a José Amado]. (AMADO, 1999, p. 131)

É observada nesta passagem o respeito pelo octogenário explicitado pelas formas de tratamento que uma figura social importante – o chefe político local – imprime ao dirigir a palavra ao ancião. Embora não tenha sido proposta deste trabalho empreender uma abordagem de cunho quantitativo, achamos oportuno quantificar as ocorrências das formas de tratamento/pronomes pessoais encontradas nas falas das personagens

de *História da minha infância*. Vejamos na tabela 1 a distribuição das variantes *vosmecê* e *você* e das formas de tratamento *Vossa Senhoria* e *Seu Coronel* nas relações hierárquicas entre os personagens amadianos:

Tabela 1 - Uso das variantes *vosmecê* e *você* e das formas de tratamento *Vossa Senhoria* e/ou *senhor* e *Seu Coronel/Coroné* nas relações hierárquicas entre os personagens amadianos

Relação entre os personagens	<i>VOSMECÊ</i> (Total de 7 ocorrências)	<i>VOSSA SENHORIA/SENHOR</i> (Total de 4 ocorrências)	<i>VOCÊ</i> (Total de 19 ocorrências)	“(SEU) CORONEL”/ <i>CORONÉ</i> ¹³ (Total de 6 ocorrências)
De superior para inferior	0%	0%	65%	0%
De inferior para Superior	100%	100%	0%	100%
Entre iguais	0%	0%	35%	0%

Fonte: Elaboração própria

Quantificando as ocorrências por sexo da personagem, temos a tabela 2.

Tabela 2 - Estratificação por sexo da alternância entre o *vosmecê* e o *você*.

<i>VOSMECÊ</i> (Total de 7 ocorrências)		<i>VOCÊ</i> (Total de 19 ocorrências)	
HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
70%	30%	65%	35%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 1 nos sugerem que o fator relação hierárquica é muito relevante para entendermos o uso variável das quatro formas pronominais e de tratamento elencadas (*Vosmecê*, *Vossa Senhoria*, *Seu Coronel* e *você*), já que as três primeiras formas são unanimemente utilizadas para demonstrar uma relação de inferioridade/respeito do

¹³ Do total de 2 ocorrências da forma vocalizada de *Coronel*, isto é, *Coroné*, uma vez ocorre na voz da personagem Severo e uma vez na voz de José Peregrino, ambas identificadas pelo narrador como sertanejos.

falante em relação ao seu interlocutor, e a forma *você* utilizada para marcar relações tanto de superioridade quanto de igualdade. Quanto à tabela 2, pouco podemos dizer, pois o baixo índice para o uso feminino de ambas as variantes se deve à proporcionalidade da quantidade de diálogos atribuídos a personagens femininas. Tal especificidade não pode nos indicar quaisquer resultados conclusivos quanto à estratificação por sexo, já que as ocorrências são mínimas e que as falas são esparsas, não nos permitindo vislumbrar um padrão de uso quanto ao fator extralinguístico sexo.

3. Considerações finais

Com a análise do texto memorialista *História da Minha Infância*, foi possível observar pistas diacrônicas, bem como variações estilísticas imputadas às falas de diversas personagens, além de diversificados fenômenos variáveis, aspectos importantes da relação língua x sociedade. No que concerne a tais fenômenos, pudemos relacionar diversificados estudos contemporâneos, tendo sido possível atestar que os fatores extralinguísticos - favorecedores da ocorrência dos fenômenos - detectados na atualidade têm indícios de ocorrência também em Amado (1999).

É preciso destacar a sensibilidade do narrador a fenômenos fonológicos salientes, fator que se mostrou como uma marca estilística presente no decorrer do texto, já que ele não se absteve de caracterizar as personagens levando em conta determinadas especificidades de suas realizações linguístico-fonológicas. Assim, verificou-se que o autor se utilizou do artifício da divergência para tornar as falas de personagens específicas (menino em início de escolarização, bisavô português, bêbado não nomeado, entre outros) mais próximas da modalidade falada da língua – o vernacular –, observando a finalidade comunicativa da qual se desejava embutir os diálogos. No entanto, ficou patente a postura de distanciamento adotada pelo narrador, que, através das marcações em itálico, assinalou a nítida separação entre o grupo social ao qual se mostra pertencente e o grupo social que, oriundo de um regime escravocrata e relegado a subocupações no mercado de trabalho, cujas identidades linguísticas eram, majoritariamente, desprestigiadas. Assim, em que pese o contexto escrito dos dados, essas utilizações desprestigiadas marcam socialmente aquelas *personas*, cujas realizações linguísticas recebem o destaque em itálico.

A partir dos dados apresentados e levando em consideração o foco na alternância estilística, pudemos constatar a variação *vosmecê x você x tu* [ainda que sutilmente], em que o autor elaborou os diálogos e deu voz às personagens não meramente ocupando-se do grau de formalidade

exigido pela interação mas, para além de ocupar-se de uma alternância de estilos num nível de escolha individual, foi verificada a influência dos fatores: contexto interacional, tipo de relação entre os interlocutores e idade. Observou-se que o uso dos pronomes *você* e *vosmecê* é variável e que apenas a algumas das personagens (tia, o pai, um bêbado não nomeado) é atribuído o uso da forma *vosmecê*, enquanto a mãe, a professora e o próprio narrador, por exemplo, se utilizam da forma *você*. A constatação do uso variável pronominal é uma pista que nos sugere que essas variantes conviviam entre si no período da infância do autor da obra sob análise, já com tendências de uso que refletem a dimensão da mudança pela qual passa a forma *vosmecê*.

Em termos de covariação, atualmente há variados estudos sobre a variação *tu x você*; no entanto, não temos conhecimento de estudos que se ocupem da variação entre *vosmecê x você*, contraste mais produtivamente trabalhado por Amado – muito mais que a covariação *você x tu*, existente, mas mais sutil – de acordo com as amostras do corpus. Assim, foi possível perceber que o narrador de *História da minha infância* procurou se utilizar de vários pronomes e formas de tratamento a fim de marcar as relações hierárquicas simétricas (igualdade/afinidade) e assimétricas (inferioridade e superioridade) através do uso dos pronomes e formas pronominais *você*, *tu*, *vosmecê*, *senhor*, *Vossa Senhoria*, *Coronel*, e essa variação de formas pronominais e de tratamento foi um fenômeno bastante produtivo em todo o texto.

Como principais limitações à pesquisa da qual este artigo deriva, elenco os fatores escassez de diálogo e visão panorâmica do fenômeno variável detectado. Assim, o primeiro fator impossibilitou um maior detalhamento na elaboração das *personas* aqui listadas, para a maioria das quais, apesar de terem sido comprovados os perfis sociais, não foram evidenciados os perfis linguísticos. Em que pese o fato de ter optado por realizar uma análise panorâmica, levo-me a acreditar que um olhar panorâmico também tem sua validade devido ao caminho que se abriu para estudos futuros mais específicos no que toca aos dados aqui levantados e em outros textos escritos, a exemplo dos mencionados neste artigo.

Referências

ALMEIDA, N. L. F. Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX). *Revista Tabuleiro das Letras*, Salvador, n. 4, p. 1-21, 2012. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl>. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo012.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2013.

AMADO, G. *História da Minha Infância*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954.

AMADO, G. *História da Minha Infância*. São Cristóvão: Editora da UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BERLINCK, R.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. de C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 169-195, 2008. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2>

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, Marília, n. 18-19, p. 339-381, 1972-1973.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276. Disponível em: <https://www.ehu.eus/seg/_media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CORREIA, F. B. *A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra História da Minha Infância, de Gilberto Amado*. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 185-210. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/style-and-sociolinguistic-variation/language-situation-and-the-relational-self-theorizing-dialectstyle-in-sociolinguistics/78F9F02E7474F7C74AC5F87AAE71183F>>. Acesso em: 15 set. 2013.

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. Communities of practice: Where language, gender and power all live. In: HALL, K.; BUCHHOLTZ, M.; MOONWOMON, B. *Locating power: Proceedings of the Second Berkeley Women and Language Conference*. Berkeley: University of California: 1992. p. 88-89. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge Univer-

sity Press, 2001. p. 119-126. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/f4c2/77ce086f88e6bc853e318dc465f24504963a.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2019.

ECKERT, P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Massachussets; Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

ECKERT, P. The meaning of style. In: THE ELEVENTH ANNUAL SYMPOSIUM ABOUT LANGUAGE AND SOCIETY, 2003, Austin. *Proceedings...* Austin: University of Texas, 2003. p. 41-53. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/salsa2003.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

ECKERT, P. Variation, Convention, and social meaning. In: THE ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 2005, California. *Proceedings...* California: LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 2005. p. 1-33. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/fbbc/9f7aff0001f2994353320db793e413ff0f3.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

FARACO, C. A. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, n. 3. v. 2, p. 114-132, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

GENERALI, S. C. *MV Bill e o diálogo do tráfico: monitoramento de fala, estilo, identidade e preconceitos linguísticos*. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2011. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/5782>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

GONÇALVES, C. L. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no Português*. 2008. 349f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-21012009-152856/publico/CLEZIO_ROBERTO_GONCALVES.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, E. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas sete-

centistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. v. 1. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 61-76.

REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: A dimensão estilística da variação sob um olhar Funcionalista*. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84869>>. Acesso em: 06 dez. 2013.

RUMEU, M. C. de B. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 545-576, 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/Rumeu-2013ALFA.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E.P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/224/137>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SAID ALI, M. De eu e tu a majestade: tratamentos de familiaridade e reverência. In: SAID ALI, M. *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. p. 105-120.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84869>>. Acesso em: 15 mar. 2014.